

DOSTOIÉVSKI
E A CRÍTICA MÍSTICO-MATERIALISTA DA MODERNIDADE

Sebastião Ricardo Lima de Oliveira (UEMS/UNICAMP)
sebastiaoricardolima@gmail.com

1. Introdução

Em sua gênese, a modernidade é constituída pela separação entre política e moral, fundamentada nos princípios judaico-cristãos que moldaram toda a Idade Média. Esta cisão será sistematizada teoricamente na obra *O Príncipe*, de Maquiavel (2003). Observador atento das agitações políticas que envolvem a Europa, em especial as cidades mercantis da península itálica, Maquiavel (2003) funda a ciência política moderna, convertida em uma técnica de conquista e manutenção do poder. E a política do real não se preocupa mais com um tipo ideal de sociedade, mas sim com o fenômeno do poder formalizado pela instituição do Estado. Para essa nova engenharia de governo não há espaço para a moral e a perseguição de bons resultados políticos justifica qualquer meio utilizado.

Anterior à sistematização feita por Maquiavel no campo político, *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (1991) retrata, no campo literário, a gênese da modernidade em sua essência amoral. Dante vive em uma época onde o Império alemão revive o desejo de dominação do mundo conhecido, tentando restabelecer o comando imperial, desaparecido desde o colapso do Império romano.

A Itália sofria a influência do conflito entre dois grupos germânicos, lideradas pelas famílias nobres Wolf e Wibling. Na península essa disputa se transladara para os partidos dos guelfos e gibelinos. No tempo de Dante a Europa está transitando de um sistema de governo medieval para um sistema moderno. Para o sociólogo Giovanni Arrighi (1996, p. 32):

Este 'devir' do moderno sistema de governo esteve estreitamente associado ao desenvolvimento do capitalismo como sistema de acumulação em escala mundial, como foi frisado na conceituação de Immanuel Wallerstein sobre o moderno sistema mundial como uma economia mundial capitalista. Em sua análise, a ascensão e expansão do moderno sistema interestatal foi tanto a principal causa quanto um efeito da interminável acumulação de capital.

A modernidade capitalista é gestada nas cidades-estado italianas –

principalmente Veneza, Florença, Genova e Milão. Segundo conclui Arrighi (1992), as cidades-estado da Itália setentrional prefiguram a moderna sociedade capitalista e seus estados correspondentes:

Com a devida vênia de Sombart, se houve algum dia um Estado cujo executivo atendeu aos padrões do Estado capitalista descrito no Manifesto Comunista, ele foi a Veneza do século XV. Vistos por esse ângulo, os grandes Estados capitalistas de épocas futuras (as Províncias Unidas, o Reino Unido, os Estados Unidos) afiguram-se versões cada vez mais diluídas dos padrões ideais materializados por Veneza séculos antes (p. 37).

O desenvolvimento do comércio na Europa é o responsável pela gênese da modernidade, substituindo a sociedade medieval baseada em uma cultura agrária, por uma sociedade urbanizada, centrada na circulação de mercadorias. Segundo Marx (1985, p. 125): “A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias, comércio, são os pressupostos históricos sob os quais ele surge”.

É um momento de inflexão histórica em que as relações sociais deixam de ser mediadas pela religião e pela tradição, e passam a ser dominadas pela cobiça do dinheiro:

Abstraiamos o conteúdo material da circulação de mercadorias, o intercâmbio dos diferentes valores de uso, e consideremos apenas as formas econômicas engendradas por esse processo, então encontraremos como seu produto último o dinheiro. Esse produto último da circulação de mercadorias é a primeira forma de aparição do capital (MARX, 1985, p. 125).

Dostoiévski (2004), no romance *Um Jogador*, designará o capital como o ídolo alemão, objeto de adoração dos europeus. Para Le Goff (2002, p. 56),

Desde mais ou menos o ano 1000, o enriquecimento crescente dos poderosos, leigos e eclesiásticos, a ligação cada vez mais forte com o mundo nas camadas mais e mais numerosas da sociedade ocidental cristã suscitam diversas inquietações de inquietude e recusa.

A expansão do comércio e o surgimento das manufaturas expulsa os trabalhadores do campo para servirem de mão de obra barata nas cidades. A sociabilidade se fundamenta agora na competição, na cobiça e no individualismo, valores novos que substituem os antigos valores comunitários e cristãos da Idade Média. De fato, como aponta Le Goff (2008, p. 125):

A civilização do ocidente medieval é profundamente, intimamente, marcada pela noção de Criação. Os homens e as mulheres da Idade Média creem no Deus do Gênesis. O mundo e a humanidade existem porque Deus quis as-

sim, através de um ato generoso.

A idolatria ao dinheiro, que Dostoiévski (2004) denuncia, é definido por Marx (1985) como o fetichismo da mercadoria. Os produtos do trabalho humano, quando assumem a forma mercadoria, metamorfoseiam-se em fetiches, objetos de culto na sociedade capitalista. Com o desenvolvimento do comércio, as relações sociais entre os homens assumem a forma fantasmagórica de relações sociais entre coisas e relações reificadas entre pessoas. Assim:

Em outras palavras, os trabalhos privados atuam como partes componentes do conjunto do trabalho social, apenas através das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, entre os produtores. Por isso, para os últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem de acordo com o que realmente são, como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas, e não como relações sociais diretas entre indivíduos em seus trabalhos (MARX, 1987, p. 81-82).

Essa nova idolatria, fetichismo da mercadoria para Marx (1987), ídolo alemão para Dostoiévski (2004), será a marca constituinte da modernidade. Esse culto à riqueza material, ao acúmulo de mercadorias, terá como consequência a reificação das relações humanas.

Ao mesmo tempo em que Marx (1987) elabora sua crítica materialista da sociedade capitalista, Dostoiévski (2003) faz uma crítica axiológica ou espiritual ao capitalismo, no contexto de um país periférico da Europa e fundamentada no cristianismo ortodoxo russo. Ele complementa e aprofunda a análise de Marx, superando as incrustações positivistas que o marxismo herdara do Iluminismo. O filósofo alemão fica preso a uma concepção da história que acredita na correção das injustiças mediante a organização racional da sociedade. Dostoiévski (2005) encontrará na racionalidade iluminista do capital uma nova forma de irracionalismo, uma razão autoritária que cimentará uma sociabilidade adaptada à estruturação competitiva do mundo moderno.

A crítica moral (espiritual) de Dostoiévski (2003) se concentra nas relações interpessoais, nos conflitos afetivos que surgem a partir do desenvolvimento capitalista, embotando a sensibilidade, corroendo o caráter, obrigando as pessoas a incorporarem, muitas vezes inconscientemente, em suas vidas, a lógica da acumulação de bens materiais, o culto ao dinheiro e ao progresso.

O escritor russo retrata em seus personagens da segunda fase de sua obra, os conflitos morais, que derivam para doenças psíquicas – antecipando a metapsicologia freudiana – resultantes da modernização da

Rússia, do individualismo competitivo e da perda do sentido de pertencimento a uma verdadeira comunidade humana. A modernização do capital estabelece o desamparo como condição existencial do homem moderno, ao contrário da condição do homem medieval. Segundo Castel (2008, p. 53):

Todos os documentos da época (políticos, censuários, costumeiros) descrevem uma sociedade camponesa certamente, e muito hierarquizada, mas uma sociedade enquadrada, assegurada, provida. Disso resulta um sentimento de segurança econômica.

Este sentimento de segurança econômica é implodido na modernidade, e esse abandono que o indivíduo sofre está na origem da angústia moderna, e do desespero pós-moderno, com seus ingredientes de agressividade e indiferença. Os indivíduos ficam como que enfeitiçados por esta nova divindade, o dinheiro, que lhe aparece como o grande benfeitor, como o demiurgo da nova ordem mundial.

Ao fazer uma crítica da racionalidade iluminista do capital, como uma razão autoritária e dissimulada que enlouquece as pessoas que não se adaptam ao processo de mercantilização das relações sociais, jogando os indivíduos em uma solidão desesperadora, numa competição fratricida para realizar suas ambições, Dostoiévski (2004) cria um novo método de análise da sociedade e do indivíduo. Cria uma crítica mística-materialista, uma reflexão intuitiva que vê além das aparências ilusórias de uma realidade desfigurada pela ideologia progressista do capital. Ao niilismo racional da modernidade, sua defesa da morte de Deus, Dostoiévski contrapõe a mística do sofrimento do cristianismo ortodoxo russo.

No seu livro *Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião*, em Dostoiévski, Luiz Felipe Pondé apresenta a tese de uma epistemologia dostoiévskiana, uma espécie de antídoto ao relativismo pós-moderno, que ele chama de braço filosófico-social armado da contingência ontológica irrestrita, denominada por ele de niilismo racional, nome teórico do ateísmo moderno. O dogmatismo humanista-naturalista que domina o pensamento moderno, com sua visão otimista do homem, “é uma ilusão naturalista que implica o esquecimento da presença ativa do Transcendente no Homem”. Para ele, a filosofia religiosa “pessimista” de Dostoiévski procura romper com essa ilusão. Segundo Pondé:

A questão de Dostoiévski é que ele identifica no projeto moderno, o qual chama de ‘a virtude sem o Cristo’ ou ‘a salvação sem Deus’, um projeto de aposta na natureza. E o que significa apostar na natureza? Apostar na natureza não é só tomar remédios para não ter doenças. Apostar na natureza é apostar

no ser humano como tal: na sua viabilidade ontológica. É aquela idéia de que o ser humano pode estar no lugar de Deus, que o ser humano basta a si mesmo. (PONDÉ, 2003, p. 258)

O relativismo torna-se a justificativa ideológica de um mundo sem Deus, onde o único sentido socialmente aceito é o acúmulo de bens materiais, ornado com um discurso, ridículo para Dostoiévski, em defesa da suficiência humana. O filósofo brasileiro resume a crítica de Dostoiévski à modernidade:

Penso que seja importante darmos atenção, quando se pensa a obra de Dostoiévski do ponto de vista religioso, ao seu olhar crítico para a construção da sociedade moderna. E me parece que isso é um ponto doloroso para nós, uma grande ofensa. É um discurso que facilmente pode ser compreendido como um discurso da morbidez. Isso me faz lembrar uma entrevista de um filósofo francês que dizia que 'seria melhor que começássemos o século XXI um pouco mais pessimistas, porque o otimismo já testamos e não deu certo'. Temos sido otimistas desde a Revolução Francesa, achando que o projeto racional vai dar certo, que a natureza humana não é uma aporia ontológica. (*Idem, ibidem*, p. 259-260)

Ernst Bloch, filósofo marxista e teólogo da revolução, via nas formas contestatórias da religião uma das configurações da consciência utópica. Para ele a luta socialista é uma herdeira do milenarismo cristão. Sua obra influenciará uma corrente de pensadores latino-americanos que reivindicarão um diálogo entre marxismo e o cristianismo dos primeiros séculos, chamada de teologia da libertação. Dostoiévski está na base desses marxistas místicos e desses movimentos utópicos que surgiram no século XX, para quem o Reino de Deus é uma sociedade sem diferenças de classes, sem propriedade privada e sem um estado.

2. Justificativa

O sistema do capital estendeu seu domínio por todo o planeta, subsumindo as relações sociais dentro da lógica da acumulação de mercadorias. As promessas redentoras da modernidade iluminista revelaram-se um embuste monstruoso. Somente no século XX foram 200 milhões de mortes por guerras, epidemias, fomes, doenças. Todo esse desenvolvimento econômico está jogando a humanidade em massacres cada vez maiores, em novas formas de barbárie. Kafka dizia que ao fim de toda revolução sempre surge um Napoleão. Esse é o resultado do projeto moderno de desencantamento do mundo, abandonando os valores místicos, sublimes e comunitários, por uma racionalidade instrumental interessada apenas na manipulação de meios para a conquista de determinados fins.

O homem é reduzido a um suporte de valorização do capital. O discurso humanista de defesa da suficiência humana assume uma característica nitidamente esquizofrênica.

Após os fracassos das revoluções modernas, tentativas que a humanidade buscou para reformar a sociedade, com o objetivo de resolver seus problemas materiais, que tirou Deus do centro do mundo e colocou o homem em seu lugar, o sistema do capital globalizado encontra-se em um impasse histórico. As contradições do capitalismo agravaram-se e estenderam-se por todo planeta, sua incontrolabilidade sistêmica ameaça a existência da raça humana.

Neste contexto de crise geral da civilização, a obra de Dostoiévski aparece como uma importante contribuição para se repensar o projeto da modernidade. Sua defesa de uma espiritualidade mística, representada pelo cristianismo ortodoxo russo, que pregava uma experiência efetiva com Deus, com o objetivo de superar o Mal incrustado na natureza humana desde a Queda, torna-se fundamental para pensar uma alternativa concreta à barbárie racionalizada do capitalismo tardio.

Seu pensamento influenciou importantes teóricos marxistas e anarquistas, entre eles George Lukács, Ernst Bloch e Walter Benjamin, demonstrando o quanto sua obra contribuiu para o desenvolvimento do pensamento utópico e libertário no século XX.

3. Objetivos

3.1. Objetivo geral

– Identificar a crítica de Dostoiévski à modernidade como uma proposta de repensar o homem e a sociedade no horizonte de uma crítica moral ao progresso capitalista, experimentada no cotidiano humano, considerando as contradições humanas e sociais como sintoma de um mundo sem transcendência.

3.2. Objetivos específicos

- Discutir as contradições sociais estabelecidas na modernidade.
- Refletir sobre a alienação do homem moderno e seu sentimento de desamparo.

- Discutir a separação entre política e moral no mundo moderno.
- Apontar a influência de Dostoiévski sobre o pensamento utópico do século XX.
- Debater a atualidade da obra dostoiévskiana para compreender a crise da humanidade globalizada.

4. Procedimentos de pesquisa

Para a execução deste projeto será feita a leitura e análise de quatro romances da segunda fase da obra de Dostoiévski: *Memórias do Subsolo*, *Um Jogador*, *O Idiota* e *Os Demônios*.

Esses romances foram escolhidos por concentrarem a crítica a modernidade, principalmente o Iluminismo, e o essencial do pensamento religioso do autor.

Na obra *Memórias do Subsolo* será apresentada a crítica do pensador russo à ideologia iluminista do progresso. No livro *Um Jogador* será abordado o culto à acumulação de riquezas na sociedade moderna. Em *O Idiota* será analisada a visão mística-materialista do romancista e sua validade epistemológica. Finalmente, no romance *Os Demônios* demonstrar-se-á o ambiente de insanidade sistêmica criado pelas contradições da lógica societária capitalista em um país da periferia do sistema.

Por se tratar de uma pesquisa estritamente teórica, será utilizado material bibliográfico do acervo particular do pesquisador e das bibliotecas da UNICAMP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COHN, Norman. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1980.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Um jogador*. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. *O idiota*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Os demônios*. São Paulo: Editora 34, 2005.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: o manto do profeta, 1871-1881*. São Paulo: Edusp, 2008.

HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

LE GOFF, Jaques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LOWY, Michael. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central – um estudo de afinidade eletiva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

MAQUIAVEL, Nicolas. *O príncipe: com comentários de Napoleão Bonaparte*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

MARX, Karl. *O capital*. Livro I. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. *O capital*. Livro I. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34, 2003.